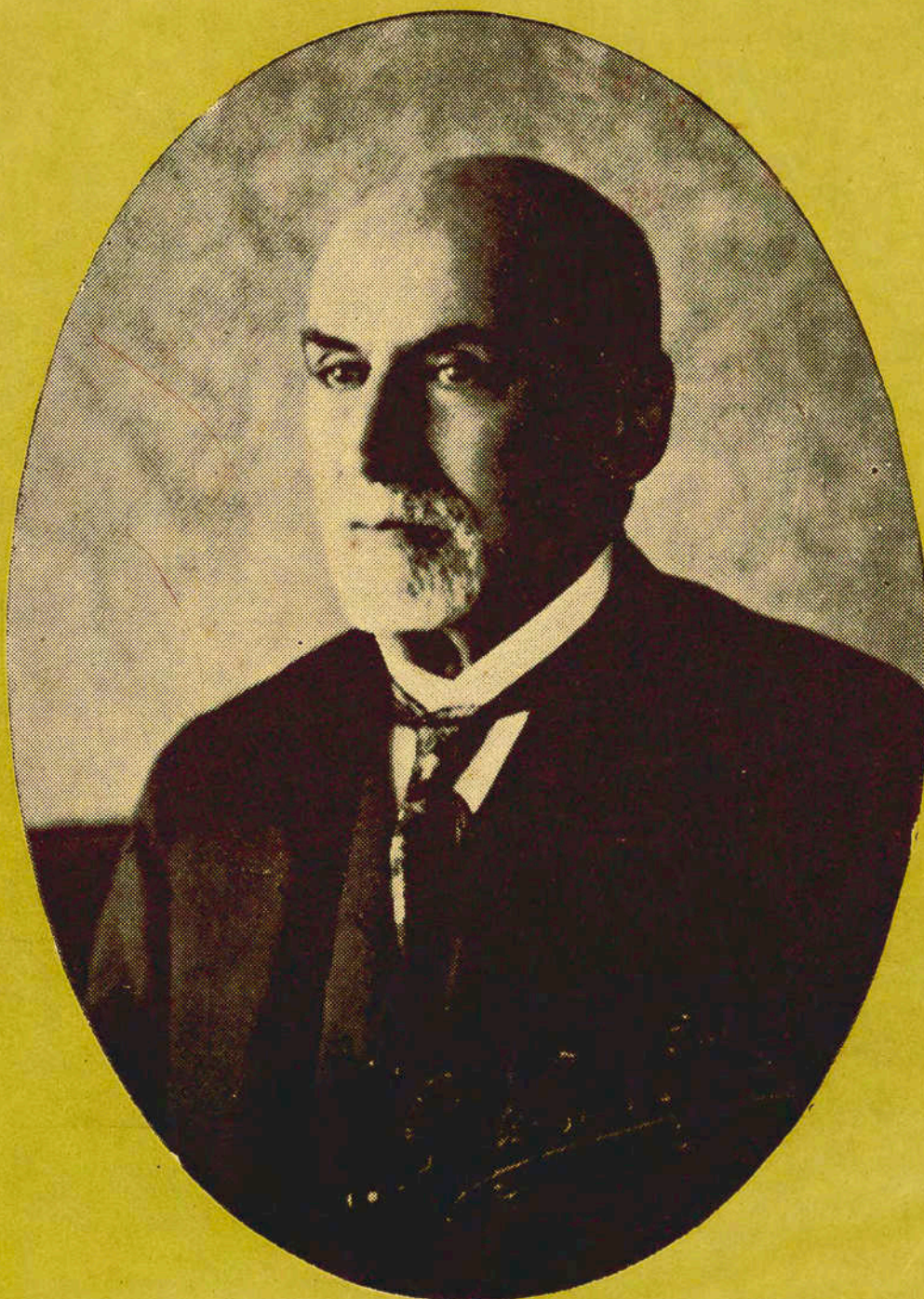


ANNO I

FLORIANOPOLIS, MAIO DE 1925

Nº 1

Revista do Centro Catharinense de Letras



PEREIRA OLIVEIRA,

Governador da Liberdade em Sta. Catharina e Presidente de Honra do Centro Catharinense de Letras

— *Oiro é o que oiro vale* —

100

Revista do Centro Catharinense de Letras

Assignatura annual, 10\$

Numero avulso, 1\$

DIRECTOR

Amphilochio de Carvalho Gonçalves

REVISTA MENSAL

REDACTORES

Prof. Barreiros Filho, dr. Oscar Ramos, Herminio Millis,
e Odilon Fernandes

A' entrada

O *Centro Catharinense de Letras* apresenta hoje ao publico da sua terra o primeiro numero da revista que o leitor tem entre mãos, a qual será doravante o porta-voz de suas aspirações agremiativas e o registo de sua cultura.

Há pouco mais de três meses nasceu o nucleo literario que tem estas páginas por campo de expansão artistica.

E é de pura alegria o sentir de todos os agremiados ao verem, tão cedo, corporizado em realidade vivida e palpavel, um dos mais lindos sonhos que sonharam desde os primeiros alhores da associação—o jornal!

O *Centro* possui, pois, o seu orgam de contacto com o povo, e espera, por meio d'elle, merecer—será possível?—ainda um accrescimo á sympathia e protecção. com que o têm bafejado até aqui todas as camadas sociaes do meio conterraneo.

Desde S. Excia., o Snr. Coronel Governador do Estado, grande protector seu, até o mais humilde dos patricios—todos lhe são amigos de grande bemquerença: é que um cunho democratico o physionomiza, e os seus associados não se presumem deuses das letras, querendo ser, apenas, cultores modestos da arte e da vernaculidade, talismans esses a cujos quilates desejam servir como feiticistas, tanto mais sinceros no seu culto quanto menos dignos se reconhecem no exercicio d'elle.

Tal proposito, tal programma, aqui renovado solennemente, é o que se contem no artigo inicial dos seus estatutos.

Bom roteiro será cumpri-lo á risca.

Como daremos culto á lingua e á sua arte?

Praticando-a pela escripta: ficção ou quadro descriptivo, narrativa ou dialogo, lucubrações do pensamento ou subjectivos revôos da fantasia—são tudo oportunidades de dar ao idioma as vibrações e as bemsonancias de instrumento artistico, interprete que é da alma brasileira, essa como Vupabussu das nossas cobiças, a brilhar dentro de nós mesmos em lampejos esmeraldinos de Esperança!

Mui sonhadores somos nós, os que, na fula-fula materialissima destes tempos. miramos a um objectivo que não rende dinheiro...

...Dir-se-ia que dos sonhos e do mythos, nos ideaes contemporaneos, resta apenas um nome doirado: o Páctolo...

Ponhamos, pois, de banda, esse rio com o curso de tantas ambições menos nobres!

E avante, companheiros, no rumo generoso de outras aguas mais azues, mais achamalotadas e ondulosas—as do mar do Ideal Artistico, onde, por vezes, as brumas escurecem, mas onde não se está sujeito a atolar os pés no lodo dos baixios fluviaes...

E, para que seja completa a nossa Illusão, invoquemos tambem aqui a Mulher Catharinense, algumas de cujas representantes temos por dignissimas consocias.

Que ao lado dellas, e com o concurso de sua voz, sõe o nosso grito commum de concitação fraternal:—Catharinenses! construamos e rendilhemos não uma cathedral, mas uma ermida singela e branca, das bellas-letras, a fim de que nella se cultue a dulcisona, a maviosissima e bellissima entre as deusas profanas da terra:—a nossa toda pulchra Língua Nacional.

Resurgidos

(Para o coração de Maria)

I

*Veladamente o sol vestiu todo o sudario
De quem vde para a sombra esguia dos cyprestes,
E sóbe da planície, aos espaços celestes,
O Requiem de um velho e triste campanario.*

*Désce saudoso o sol, antes extraordinario
De luxurias de luz; mas, agora, com réstes
Roixas de monge, e mãos por sobre o peito, prestes
A se esconder no além, num campo solitario.*

*E descerá assim, (Caminheiro do Mundo)
Por um occaso calmo, em silencio profundo,
A uma cóva gelada, um coração vencido...*

*Mas, no affago, no enleio e caricias da noite,
Durma tranquillamente, e entre sonhos acoite
A crença de se vêr, num dia, resurgido.*

II

*Manhã clara! Manhã de púrpuras franjadas
De ouro e alacres rubis, e topasios sangrando...
Alvoroça-se a terra, ao correr das quebradas,
E sóbe o mar, se estende um clarão doce e brando.*

*Ao terral que esvoaça ha rélas enfunadas:
—Umas indo... outras vindo... outras se preparando...
Chia o cigarra, e canta a ave nas ramadas,
E as aguas de crystal das fontes vão cantando.*

*E' que o sol surgiu. Assim tambem, num dia,
Ha de o meu coração resurgir, na harmonia
Das horas que tiver de contar com ferrôr;*

*E cada hora virá com mais deslumbramentos,
Com mais luz, com mais fibras, e mais fortes alentos
E mais seiva de vida, e mais sonhos de amor.*

III

*Sim, ha de resurgir, feito da mesma lama,
Feito do mesmo pó—dessa eterna argamassa
Da qual tudo se faz, e na vida se inflamma,
Ora no tedio amargo, ora na luz da graça.*

*Resurgirá num lirio azul, ou numa chamma,
Num divino clarão, ou no vérme que passa
Occulto, a rastejar no velludo da grama
Da sepultura, e sóbe, aos cyprestes se abraça...*

*Ou será borboleta, em chamalotes de ouro,
Ou ave cantadeira, ou rútilo besouro,
Ou poeira de crystal, para qualquer effeito.*

*Mas, depois disso tudo, ha de sêr o que fôra
Nos segredos do amor, e na dôr rugidora...
—Ha de ser coração, para pulsar num peito.*

IV

*Por esse tempo o teu, depois de transformado,
Depois de haver sentido igual transformação,
Que é dada, neste mundo, ao humano coração,
Seja ao de um peito bom, seja ao de um desgraçado...*

*Por esse tempo o teu ha de ser encontrado
Pelo meu, minha amada; e, com justa razão,
Os dois, num laço só, numa mesma união,
Hão de ter certamente um destino dourado,*

*E nelle ficarão, para, de novo unidos,
Sob o flavo esplendôr dos amplos céos tranquilllos,
E por sobre esse mar, sobre o campo, e as distancias,*

*O mesmo sonho, o mesmo ideal, a mesma lida,
Na conquista do pão e da fonte da vida,
Soluce embora a vóz do carrilhão das ansias!*

ARAUJO FIGUEREDO

(O mais velho e o maior dos poetas catharinenses vivos)

RUTH, A MOABITA

"O teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus".

Ruth é a figura doce e sentimental que, há longos momentos, evoco admirativamente; é a figura sympathica e abnegada que resurge em meu espirito, viva, bella, valorosa, sobraçando espigas, peito estalando amor, olhos desprendendo chispas de ternura; das searas ricas e douradas, campinas férteis e louras de Belém, a cidade privilegiada em que nasceu o suave Nazareno, o santo Doutrinador, o Mestre por excellencia.

A historia de Ruth, de que reza uma singela e calma belleza, joia fulgurante e mágica que resplandece no escriptorio primoroso da Biblia, são breves e tocantes páginas de amor, lyrisimo, e devotamento, que magnetizam e empolgam os corações!

"Nascida nos jardins de Moab," tendo lá seus deuses e seus affectos, suas recordações e suas esperanças, Ruth, «a flor da Modestia, a rosa da Humildade», como a definiu o poeta, vê, em caminho para Belém de Judah, debuxar-se ante seus olhos o dilemma: a terra moabita ou a terra de Noemi. Não hesita, porém. Entre beijos, entre caricias, entre amplexos, estriba-se no fervoroso amor que lhe enche o peito e profere as palavras admiráveis de expressão e força, nascidas de uma rara dedicação:

«Não me indes para que te deixe... O teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus».

E' que a face soffredora e bondosa de Noemi photographava uma grande e serena resignação, que provinha da confiança no seu Deus... Ante o testemunho de tal fé, a alma de Ruth se ajoelha e se curva, movida pelo impulso da mesma confiança bendita e pura, da mesma fé ardente e sincera, do mesmo ardor apaixonado e santo! Confiando no amparo do Deus Poderoso, ella não conhece vacillações, não teme a jornada, nem as intempéries, nem as contrariedades, nem o cansaço, nem a prostração, nem a dôr...

A vida dessa mulher moça e linda, posta assim, voluntariamente, ao serviço de outra vida de mulher alquebrada e crente, encerra uma attracção irresistível, e a sua biographia communica tão altos sentimentos de admiração que notavel é hoje o numero de mulheres que possuem o pequenino e

melodioso nome da formosa moabita, porque:

«Seu nome faz scismar na mystica doçura,
Numa vida melhor cheia de suavidade».

Quem lê a sua historia até o epilogo assegura-se claramente de que não faltaram benções abundantes para lhe nimbarem a vida corajosa com o halo da ventura, da paz, do galardão!

Como são felizes os que sabem amar e os que confiam no Senhor!

MAURA DE SENNA PEREIRA.

(Do Centro Catharinense de Letras)

Achando o caminho

Muita gente ignora que a alma humana tem o seu proprio caminho, traçado atravez da existencia, cujo objectivo é o Absoluto, donde proveio. Mas o homem, delle desviado pela incerteza de seus passos, sente que a vida se lhe torna pesada e fastidiosa, para a qual observa que todo e qualquer esforço se faz inutil.

Desde que elle se afasta das leis naturaes e espirituaes, o soffrimento impera em todos os dominios humanos, tornando-se senhor absoluto, tendo por throno a incerteza e por sceptro a duvida. O ser humano levado pelos vaivens do destino que elle proprio engendrou, ignora por completo qual a directriz a tomar nos embaraços da Vida. Appella, então, para a experiencia dos que também se acham immersos no mesmo abysmo; entretanto, ninguem o attende, devido ao obscurecimento da vista espiritual.

Nenhum de nós pôde comprehender o soffrimento por que passam as criaturas humanas. Nenhum de nós saberá como ministrar-lhes o lenitivo para suavizar-lhes a dôr, que as tortura e as aniquilla. Si penetrassemos no âmago de seus corações nos momentos em que ellas sentem a agudez de suas dôres, veriamos como é impossivel encaminhal-as ao caminho da Verdade. E' porque as almas que soffrem teem olhos e não veem, teem ouvidos e não ouvem, isto é, teem sentidos especiaes, mas por meio dos quaes não experimentam o que o homem commum jámais sonhou.

Homens e mulheres, jovens e velhos, passam pela Vida como por um sonho. Incapazes de soerguer os olhos para o que de mais alto existe nos corações, elles procuram sensações enganosas, buscam a felicidade nas cousas transitorias, entregam-se ás fallazes apparencias do mundo, tudo dentro das trevas da Ignorancia, as quaes dominam as multidões. E' lastimavel o caminho tortuoso, cheio de perigos, por onde transita a humanidade e por onde sempre transitará, emquanto não tiver o vislumbre de que atraz do Irreal se encobre o Real.

Como, pois, poderá a alma buscar o verdadeiro caminho para sua Felicidade, si o que ella transita é falso e enganoso?

Como seguirá ella o rumo da verdade,

No crepusculo

(A Salammbô.)

O horizonte era uma fita larga e vermelha como sangue vivo.

Furtivas estrelas apareciam amedrontadas, aqui e ali, no céu esmaecidamente azul, talvez com vergonha de se exporem á luz merencorea dos ultimos raios que tingiam de encarnado as rendas do infinito.

Os passaros passavam sobre a minha cabeça, em voos incertos, á procura da arvore amiga, que de noite lhes daria o calor vivificante, resguardando-os das auras navalhantes e frias do Sul.

Ao longe, na curva suavemente seductora da baía norte, uma canoa de velas pandas, rumava em direcção a Tijuquinha, e, vendo-a assim celere, veloz, senti dentro do meu peito a melancolica alegria do homenzinho que, sentado á popa, aguentava o remo, á guisa de leme.

E, ao ver o pequeno batel desaparecer com os derradeiros crepusculos na praia distante, senti também que se extinguíam os ultimos crepusculos da minha doce esperanza...

Depois, um urubú que vóa solitariamente e nada mais...

Florianopolis, 6-3-925.

Dorfilio Gonçalves

si o que lhe apresenta o mundo é desorientado pelas trevas da Ignorancia? Terá ella comprehensão de que, fóra de seu proprio esforço, poderá attingir á região dos bemaventurados? Estas são questões que exigem resposta dupla. Em primeiro lugar sabemos que toda alma soffre, porque desconhece o caminho em direcção á Verdade. Em segundo lugar, emquanto não for chamada pela voz secreta do coração, terá de levar a cruz, creada pelas suas intenções, pensamentos, emoções e actos, até alcançar o grau em que se tornar capaz de apresentar-se ao Mestre Espiritual. Na Verdade, o caminho é franqueado a todos os buscadores do Conhecimento, aos que são impulsionados para a conquista do Ideal.

Onde, portanto, está elle? Existe, por acaso, fóra de nós? No exterior apenas ha a manifestação das forças da Natureza, aquillo que é ephemero e illusorio, embora sustentado pelo Verbo Divino. Ousamos dizer que está em nós? Sim, no interior de nós mesmos, no centro de nossos corações, em nossa propria alma está o caminho seguro que nos leva ao Grande Ideal — a Paz Interior.

Florianopolis, janeiro de 1925.

João Silveira de Mattos.

CRUZ E SOUSA

I

Cruz e Sousa, meu poeta emparedado,
Nascestes paria, em casa de um patrão,
E o leite maternal, por ti sugado,
Foi um sôro letal de escravidão;

Cresceste, e no teu peito rebellado
Irompeu tua raça em convulsão:
Ha dores retransidas no teu brado,
Soluços de senzala na afflição.

Teu pae foi carne negra de um senhor,
Tua mãe, negra e escrava—que amargura!
Tu foste a flor dos cardos desse amor,

E és agora uma flôr de eterna dura:
—Flor da raça, maldicta em sua cor,
—Flor da gloria, nos hortos da Tortura!

II

Laocoonte em espiras de serpente
Brame, e reage á constricção que o invade:
Tal Cruz e Sousa,—um batalhar fremente
Da Poesia com a Fatalidade!

Curtiu o mesmo circulo mordente
De aspides, numa agonica ansiedade
E arfou, convulso, no bochorno ambiente,
Que era o halito das bocas da Maldade...

E nos trances da luta desigual
Vazou em prosa a mágoa, em verso os prantos,
Broqueis, Pharões, Evocações, Missal.

E *Sonetos*... sonetos? não, estrelas,
Via-láctea de lágrimas e cantos,
Que explode em luzes, sem poder contê-las!

III

Foste em verdade soffredor: sedento
De bálsamos á dor que em ti gemia,
Foi o verso teu tragico sustento,
Teu rude pão de fel e de ironia...

Tendo o teu rhythmo a livre symphonia
Que ulula, em vendaval, a voz do vento,
No pégão dos clamores repellia
Os moldes mais communs do pensamento:

Assim a Idéa, musicada em gritos,
E o original fragor com que rimavas
Sentimentos rebeldes ou afflictos,

Fazem-te d'alma a forja de um titán,
Onde o teu verbo olympico dá lavas
E golfadas vulcanicas de Cham!



Barreiros Filho

A nossa Escola de Aprendizizes Artífices

Publicando hoje o *cliché* da nossa Escola de Aprendizizes Artífices, julgamos opportuno dizer algumas palavras que bem definam, ainda que em traços largos, o estado actual da sua útil e proveitosa organização.

Mesmo na sua primeira phase, quando ainda muitos pontos fracos apresentava na sua organização, como todas as demais suas co-irmãs, já a nossa Escola de Aprendizizes Artífices colhia apreciáveis frutos no ensino, tanto das letras e desenho, como no ensino profissional, fornecendo moveis, e rapazes operarios ás nossas varias officinas commerciaes, e até para outros Estados, onde se acham em condições prosperas.

Este facto nos dispensa de mais commentarios sobre as grandes vantagens de tal instituição, sabiamente creada para formação de operarios capazes de elaborarem o desenvolvimento das nossas fabricas e grandeza industrial de nossa patria.

Já uma vez, referindo-se á nossa Escola de Artífices, o conceituado organ do commercio desta Capital, o "Boletim Commercial," disse: "E' uma instituição que nos honra".



De quatro annos a esta parte vem passando a nossa Escola por continuados melhoramentos, já na montagem das suas officinas, hoje aptas a todos os trabalhos, pelas suas aperfeiçoadas machinas, todas accionadas por motores electricos; já pela introdução de novos e aperfeiçoados methodos de ensino, concorrendo enormemente para essa remodelação a comissão chefiada e orientada pelo habil engenheiro e competente mestre Dr. João Luederitz, comissão essa organizada pelo ministro dr. Simões Lopes e mantida com todo o apoio pelo ministro Dr. Miguel Calmon.

O *cliché* que publicamos é do novo edificio já construido segundo planos do Engenheiro Luederitz, em 1922.

Que não tem sido sem reflexo os intelligentes esforços do Engenheiro Luederitz, apoiados pelo ministro Calmon, bem se vê pelas palavras, que em officio de Agosto do anno findo, dirigiu o Dr. João Luederitz, quando em inspecção á Escola.

Transcrevamos as suas expressões:

"Sr. Director da Escola de Aprendizizes Artífices de Florianopolis.

Tendo procedido á inspecção neste estabelecimento, cumpre-me vir manifestar-vos a grande satisfação que experimentei ao verificar a maneira intelligente e efficaz pela qual foram postas em pratica as indicações anteriormente feitas sobre a reforma deste instituto desde 1920, do Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Technico.

Abstracção feita das novas construcções, todas realizadas em perfeição e de accordo com os projectos approvados são dignos de um especial reparo os serviços de installação das officinas de trabalhos em madeira e metal e de artes graphicas, podendo-se, apesar de ainda não terminadas completamente, apreciar desde já a excellente oportunidade que offerece aos alumnos para uma real aprendizagem dos officios a par de permittirem uma util e rendosa industrialização dos trabalhos, proporcionando a possibilidade de pagamento de mestres e alumnos com gratificação pela renda especial.

Outro tanto, cabe-me com grande prazer declarar relativamente ao ensino, seja no que respeita ás disciplinas do ensino preparatorio, seja no que se refere ás technologies das profissões, desenho industrial, physica e chimica elementares, rudimentos de mathematicas, etc.

Releva ainda mencionar especialmente a optima organização administrativa, patente não só pela perfeita escripta, tanto dos livros de movimento da verba por sub-consignações, como pela methodica elaboração dos orçamentos de todos os trabalhos de officina, como ainda pela perfeita disciplina nas aulas theoricas e praticas.

Pequenas alterações, que possam ser suggeridas, cabem-nos aqui alvitrar:

Penso que effectuadas as mencionadas alterações e installações pouco ficará faltando para que, dentro dos recursos disponiveis, possa esse estabelecimento estar ministrando um ensino de artes e officios, como foi previsto pelo programma da remodelação do ensino profissional technico, e é sem duvida com grande prazer que aqui registro o progresso verificado nessa casa de educação do proletariado, cuja administração está confiada a tão competente, quão operoso e patriotico funcionario."

De facto, as expressões do Engenheiro Luederitz bem salientam os esforços conjugados de todos os que na escola trabalham para a satisfação dos seus fins, isto é, a educação das crianças que ali vão buscar as garantias do seu futuro pelo aprendizado de um officio.

--Ao seu illustre director sr. dr. João Candido da Silva Muricy, os nossos effusivos cumprimentos pelo progresso que se nota em tão util e proveitoso estabelecimento de ensino.

Do meu diário

O garotinho

Indiferente cheguei à janela.

Lá no principio da rua, um brado vibrou no ar: Es-ta-do!!! Es-ta-do!!!

Tinha tal sonoridade o timbre dessa vozinha infantil que quis ver o garoto anunciante do jornal.

Despreocupado, com ar feliz, vinha apregoando, oferecendo o jornal às pessoas que encontrava: "Não quer o Estado? Traz importantes telegramas!..."

Eu olhava-o com interesse, queria perscrutar-lhe a fisionomia, e levada por um impulso de simpatia inexplicável, queria ver-lhe o coração, queria devassar-lhe a alma teura, e sensível talvez.

Moça, não quer o estado? perguntou-me, esboçando um sorriso.

Chamei-o com um signal da mão e elle chegou-se, puxando com firmeza, do pacote que sobraçava, um jornal:

Fi-lo entrar. Ligeiro subiu a escada e parou-se à porta da sala, com o bonézinho velho, estragado já, na mão.

As suas lindas feições de criança ressaltavam sob o desalinho em que se encontrava.

Pequenino, minúsculo, o rosto redondo, um signal preto na face esquerda, olhos miúdos e vivos que brilhavam alegremente, uma farta cabelleira revôlta, e negra como os proprios olhos, tal era o tipo simpático do garotinho.

—Como te chamas?

Levantou com timidez a vista e falou ao sorrir: João.

—E's daqui?

—Não, senhora. Sou do Saco Grande.

—Que idade tens?

—Oito annos.

—Tens paes?

Já morreram, disse o garoto, com uma voz de saudade, enquanto uma lágrima lhe empanava o brilho dos olhos.

Era órfão; senti todo o peso enorme da sua desdita. E a criança com uma argúcia admirável, me compreendeu. Confiante já, encostou-se ao umbral da porta, trançou as pernas e calmo, quasi a suspirar: "Eram tão bons!!! Como não lhes havia de ter custado, deixar-nos tão pequeninos, tão sós!!!"

Tens irmãos?

Só uma irmã, mais velha do que eu um anno: a Maria do Céu. E' por causa della que eu trabalho.

—"Mas então tu te sustentas a ti e a ella com esses magros vinténs?"

—Não senhora, nós moramos em casa do meu padrinho. Elle nos dá tudo.

Mas, outro dia, a Maria do Céu e eu fomos ao cemitério para visitar o papai e a mamãe. Minha irmã viu lá uns anjos de "louça" bem em cima de umas sepulturas.

Quando voltámos, ela pediu para eu trabalhar, juntar dinheiro e arranjar os anjos de "louça" para nossos pais. Maria do Céu disse que assim é mais seguro elles ficarem com Nosso Senhor.

O CANTO DAS CIGARRAS

O canto dolente e monotono das cigarras é, para o nosso coração, um mixto de alegria e de saudade!

Quantas lembranças nos traz esse canto que ouvimos cheios das mais vivas recordações dos felizes dias de despreocupada infancia—bella quadra da vida, em que tudo nos sorria, trazendo-nos sempre em infinita alacridade!

Que resta agora das felicidades desse passado longinquo? Recordações, doces recordações, apenas.

E, como "recordar é viver," sentimo-nos felizes quando, absortos, enlevados por essa musica das cigarras, nos transportamos a esse grande sonho da passada Infancia, sonho feito das linhas phantasticas que eram o extase da nossa pequenina imaginação.

E' pelo bem que me proporecionam esses hymnos da Saudade desferidos pelas cigarras amigas; é por essa espiritual delicia, que eu as amo e as venero, compadecendo-me da sua sorte de infelizes cantoras que, na sua ephemera vida toda feita da sua propria musica dolente e saudosa, só nos fazem reviver os sonhos da infancia feliz, sonhos que vão longe, muito longe, desfeitos para sempre....

Cigarras dó meu coração! Vinde sempre fazer vibrar aos meus ouvidos os vossos psalmos da Saudade, para que eu possa enlevado por essa musica monotona mas maravilhosa, evocar o Passado feliz, e, nessa doce abstracção, ficar alguns minutos a sonhar... a sonhar... a sonhar....

SEBASTIÃO VIEIRA

—Oh! minha alma de ouro! Santa inocência! Nunca, nunca, ouve bem, teus pais alcançariam o céu, por causa dos anjos de "louça," que dizes tu. O que os levará à gloria de Deus, são as preces de vocês dois, corações de oiro, porque os anjos como tu e a tua Maria do Céu são sempre atendidos pelo pai dos pobres e dos humildes.

Leva-lhes flores, muitas flores, meu filho. Leva-lhes flores da terra para embalsamarem a sepultura deles e flores da alma, as tuas orações, que Deus te ouvirá e abençoará.

Tudo o mais, meu filho, nada vale: é a vaidade, o mal que consome a humanidade, sem remédio.

E, insensivelmente, cheguei-me ao pequenino que me olhava boquiaberto, tomei-lhe a cabecinha negra e revôlta e beijei-lhe, com carinho, a fronte mimosa. Em seguida despedi-o.

Atônito, espantado, desceu as escadas, devagarinho e, esboçando um sorriso triste, ao sair da porta, voltou-se e fez uma mesura desajeitada com a cabeça.

Fiquei quieta, paralizada, abismada no meu eu, até que a sonoridade, o timbre da sua vozinha infantil feriu, novamente, o ar: Es-ta-do!!! Es-ta-do!!! Traz importantes telegramas!

Antonieta de Barros

Vultos da rua

Capitão da Barra, chamavam-lhe todos.

Vinha-lhe este nome do lugar de sua residencia, que era situado um pouco distante da cidade da Palhoça, á beira-mar.

Era um vulto que transitava, a miude, pelas ruas daquella cidade com passos apressados, debaixo das chufas do rapazio, que se entretinha ao gracejo de perguntar-lhe quantas *namoradas* tinha para cada dia.

Entretanto, era de vêr-se como elle, sempre alegre, embóra já com os pés ás portas da morte, mesmo pelo estado bem adeantado de uma morphéa, que o vinha tornando um desprezível pedaço de gente aos olhos dos que temiam esse mal funesto, passava com o seu *traje da moda*, enfronhado em ruço paletó de alpaca, collarinho amarfanhado, gravata ramalhuda, no seu ar de conquistador das moçoilas mais galantes de seu caminho, piscando o olho ou atirando-lhes gracejos.

E'ra isso o seu fraco. Não tinha familia para o tratar. A sua cama eram os ranchos velhos e as casas abandonadas, carcomidas pelo tempo: o seu tecto a rua o ar, o céu que, mesmo assim, melhoravam o seu mal, minorizavam, por assim dizer, os seus soffrimentos.

Tinha por pão a esmola que lhe dava a mão alheia. Ahi estava toda a sua felicidade neste mundo, ahi estava toda a alegria da sua existencia.

Aquelle homem, já minado, de pouco, a pouco, pelos microbios de sua molestia e escoraçado pelos menos compadecidos daquella sorte, tinha, porém, seu que de bem na vida:

Ignorava o orgulho que devastava, sempre que póde, muitas almas e muitos corações humanos, desde que haja, para pretender justificar esse mal corrosivo, uma mancheia de ouro, ou um nome fidalgo, pomposo, com fóros de importancia.

Especie de trapo atirado á rua, incompreensível em seus actos, desculpavam-lhe todas as palavras mal proferidas, esse ou aquelle gesto menos praticavel, porque, a sua vida dependia de qualquer instante em que a morte lhe viesse tolher a existencia.

E assim vivia o *Capitão da Barra*.

Passava o dia nesse locomover-se de aqui para ali, ignorando o mau e o bom, praticando o que o seu cérebro atraasdo lhe ordenava, inconsciente de suas acções e enfarado nas suas conquistas de meninas bonitas...

Um dia, sem que a mór parte dos habitantes da Palhoça dêsse por isso, *Capitão da Barra*, em qualquer de seus poisos errantes, passou-se desta para a outra vida.

Chegando os seus soffrimentos physicos ao termo dum nefasto torturar, *Capitão da Barra*, sem um ai, sem um suspiro, talvez, tombou o corpo para a morte, e, para sempre, interminamente, desapareceu da lista dos vivos.

Capitão da Barra, morreu, para ter (quem sabe?) a felicidade que lhe era devida.

Waldemar Luz

Cruz e Sousa

A Nestor Victor

O teu vulto passou por sobre a terra
Rindo e cantando, e a tua lyra santa,
Cheia de sons subfís, de serra em serra
Inda tange sonora e nos encanta!

Na suave linguagem dos teus cantos,
Tão grandes e divinos, sempre andava
Soluçando a tua alma immersa em prantos
Que da miséria se tornára cscrava!

Foste um Judeu Errante nesta vida,
Como aquelle do qual nos falla a lenda,
De coração sangrante e alma ferida!

Mas os teus versos d'oiro, esses primores
De uma arte pura, irão de senda em senda
Tudo alegrar, desabrochando em flores!

NICOLAU NAHAS

Cegueira infeliz

Ao inspirado e talentoso poeta paranáense
Francisco Zicarelli Filho, risonha e promissora
esperança da gloriosa poesia nacional.

Dos cegos o pior, o mais digno de obter
A nossa compaixão, a nossa piedade,
E' aquelle infeliz que mesmo não quer vêr,—
Vivendo em plena luz, na luz que persuade!

O analfabeto é cego e só por não querer
O cerebro banhar na doce claridade,
Que reverbera a luz bemdita do saber,
A refulgente luz que é luz da Divindade!

Desgraçado, infeliz, aquelle que, gozando,
O prazer visual,—transita tacteando,
Em tudo a tropeçar, levado pela mão...

Que atravessa a existencia assim brutalizado,
E que morre pagão, que não foi baptizado
No baptismo da luz fecunda da Instrucção!

ILDEFONSO JUVENAL

Morta!

(Em memoria de uma joven)

Inda tão cedo, no limiar da vida,
Quando um porvir doirado lhe sorria,
Da metuenda parca a mão sombria
Conduziu-a a mansão desconhecida!

Tão pura, tão formosa e estremecida,
Morreu... no tempo em que viver devia,
Eil-a, agora, a jazer na tumba fria,
No virginal esquite adormecida...

Levou-te, ó anjo, uma fatalidade,
Já não verei teu rosto de bondade,
Já não lerei nos meigos olhos teus...

Dorme, porém, que o corpo se desfaz,
Emquanto que no céu, cada vez mais,
A alma se purifica junto a Deus!

ODILON FERNANDES

(Do livro «Horas Vagas»)

E' tarde!

(Por motivos de força maior deixou de
ser recitado no dia em que foi inaugurada a
herma do saudoso poeta Cruz e Sousa.)

Se, através do bronze, o espirito fallasse
E tudo nos contasse em vóz bem clara e forte,
Talvez que Cruz e Sousa agora nos mostrasse,
Um por um, os cruéis que lhe deram a morte;

Talvez que, ante a grandeza ideal do monumento
Que erigem como premio á sua intelligencia,
Fugisse envergonhado, ao receber o alento
Dos que sorriram sempre ao vel-o na indigencia;

Talvez agradecesse a vil ostentação,
Espelho e reflector da negra hypocrisia
Dos que lhe deram pedra, e não lhe deram pão:

—Se o espirito de Cruz que, acabrunhado chora,
Pudesse inda fallar, bem alto então diria:
Hypocritas! E' tarde! E' muito tarde agora!

TRAJANO MARGARIDA

Vida obscura

Aquelle homem, que, hontem, á hora do sol-pôsto, foram levar ao poiso, de onde jámais alguém voltou, teve a sua historia e também fez época no pros-cenio dêste valle de lagrimas, onde os valorosos ou os tímidos, a sangue frio, buscam a morte como finalidade suprema, absoluta, desencorajados de suppor-tar a miseria, o viver anonymo.

E, como tantos que lá se passaram á paz mysteriosa do sepulcro, sem que, vivificadoras e espelhantes de luz, a fé e a esperança os acompanhassem,—aquelle morto de hontem—Francisco Trapoeiro, chamava-se elle—abjurou a lucta, quis ser um vencido, atando uma corda ao gasganete. D'ahi o encontrarem-n'o pendido de um galho da arceira da casa que o viu nascer, com meio palmo de lingua fóra da boccarra, olhos vitreos, sinistros, de estrangulado. Suicidara-se. E mesmo hontem, á hora em que o sol se põe, alguns amigos, bem poucos, foram levar-lhe o corpo á morada ultima.

A sua historia é pouco mais ou menos assim, pois delle mesmo a ouvi:

“Moço, eu via os dias deslizarem sem sobresaltos, como um rio que flue manso e manso, através de uma planice ampla e illuminada. Embalado pelas imagens que o amor me entremostrava no meu sonhar-acordado de rapaz e de poeta, noivei com uma collegial quando das férias que passei em casa do tabellião da cidade e que a darmos credito ás linguas, era seu tio e também tutor. E, nas asas daquelle amor, deixei que o tempo decorresse tranquillamente, pregoeiro dos proximos esponsais.

“Mas o destino, torcendo ou ironizan-do, listou de negro o céu sempre rutilo da minha existencia, quando, certa manhã de um claro dia de Maio, toda a cida-delha se alvorotou e fremiu acicatada por enxame de interrogações:—Que ha? Que foi?—Que ésto?—Que aconteceu?

—“Não te apresentas, Chico Trapoeiro?—perguntou-me um figurão, todo uniformizado, em attitude marcial. Mi-nutos depois, resolutio, entrouxando um bocado de roupa, eu também accorria ao aceno da bandeira, e,

“Longe da Patria, sob um céu diverso “Onde o sol tanto como aqui não arde,” minha coragem recrudesceu, e meus fei-tos guerreiros vieram ecoar no cespede natal, que, então, se rejubilou e envai-deceu, hosanas entoando ao moço heroi que, trilhando longes terras, partira a de-fender a patria.

“A noiva creança que eu estreitara, á hora da partida, num amplexo mais eloquente que todas as phrases de des-pedida, exultava, sabendo o futuro es-poso um triumphador.

“E os diarios — thuribulos a postos—incensavam as raçanhas do guerreiro patricio, estampavam-lhe o retrato com le-gendas retumbantes, queriam-no conhecido

A fama avultava dia a dia, e o meu nome andava em todas as bocas. Até as creanças, os garotos malandros, que

Capitão Cantidio Regis



Membro preemi e te do CENTRO CATHARINEN-SE DE LETRAS, incansavel trabalhador em bem e pro-veito do mesmo. Não cessa de idear—e realizar!—me-lhorias cada vez mais preciosas á sede da nossa agre-miação literaria.

Bem haja fio prestante consocio!

viviam escrevendo obscenidades ás pare-des, ali o garatujavam também, soletra-vam-no ao depois e lá se iam associando uma canção militar. Era a gloria aureo-lando o nome que, não fosse a guerra, seria elidido, posto á margem dos acon-tecimentos mundanos.

“Alfim, após alguns annos ter a morte ceifado milhares de vidas, as quais a or-phandade hoje ainda pranteia, fez-se o armistício. Quando voltei.....”

— Recebido estrondosamente, não é?” — interrompi.

—“.... era mutilado. Vês este braço deformado? E esta cicatriz, aqui, ao lado do rosto? E vês mais este olho de vidro?”

A voz tolheu-se-lhe por um instante, estrangulada por um soluço que elle re-calçou para o fundo do peito.

“Em chegando á terra, todos quizeram ver o heroi, curiosos. E alli estava:—um aleijão diante dos olhares da turba que tu-multuava.

—“E os jornaes?,” -indaguei, de mansinho.

—“Noticiaram, simplesmente: Chegou, hontem, pelo expresso das 6, o Sr. Francis-co Trapoeiro, que, na guerra actual, se alistou voluntario.—Só, e tudo. Era o descaso, a miseria reflectindo a podridão em que arrancha a alma, o sentimento humano. Suppondo-me querido, crendo-me alvo da compaixão dos meus patri-cios, trilhava ruas, bairros, á procura da amizade, paga merecida—pensava—ao grande, ao inegualavel sacrificio tributa-do á hora solenne que a patria exigira. Desillusão!... Dolorosa realidade!... O acalorado entusiasmo em que, du-rante a peleja, todos se afogueavam de patriotismo, evaporou-se em indifferen-ça. Senti-me, então, cair no abandono. Aquella com que eu noivára, soube ter abalado para outros climas, com um dan-dy heraldico e canalha. Da velha mãe que tantos pai-nossos, em silencio, offer-recera á Santa Virgem da Capella pelo regresso do filho, soube também ter sido lançada á valla commum, anonymamente, miseravelmente.

Sepulturas

Escancarando a bocca zombeteira e fria, num faci- turno e morto silencio de indifferença, num riso mor-daz, zomba do das almas boas, a sepultura aguarda a queda de um corpo.

Ou seja de do:zella que sonhou, floresceu, e ao dia da morte caiu exanime, ou seja do terrivel salteador que o remorso abateu, é para ella o mesmo pranto, que devora, da lucta constante do levar ao nada o proprio nada.

E nesta sede devoradora, ella põe termo ao corpo envaidecido pela belleza, bem como o que pela robus-tez preponderava. Naquelle materia inerte que a ali-menta, não vê ella o amor, como não vê a vingança.

N'aquelle lugar solitario, immergida ella o mais pro-fu do indifferenismo, absorve as lagrimas da noiva—um preito de saudade; as lagrimas do amigo—uma ma-nifestação espontanea de um conforto que faltou. Ab-sorve a bala que feriu o crâ:eo rumo explosão de odio; a chaga do peito da victima de uma paixão ce-ga; as joias que ornavam a vaidade.

Oh! sepultura!

Oh! quadro horrivelmente negro; scena tetrica a lugubre que faz do peito virginal soltar-se uma blas-phemia, apothose friste da vida!

A noite, tens, como unica companheira, a cruz ma-nifestando no seu silencio a mesma indifferença.

E, no silencio, uma lagrima scintilla na palpebra, tre-m e solta-se pela face.

E o amor de uma mãe que vê partido o céu da cor-rente que a unia ao filho.

E a saudade de uma noiva que sonhava no matri-monio a felicidade almejada.

E a esperança de um amigo de encontrar-se ainda na vida do além.

Mas a amor e a saudade são fortes e quem, reco-lhido ao silêncio, envolto da dor, resistirá resignado encontrando na prece o lenitivo?

E porisso, quantas vezes um grito de revolta, um murmuro de odio, fere a paz monoto:ra da noite e vae depor, ao pés da sepultura, todo o tédio, toda a mi-seria que ella occasio:a!...

Sepultura! A humanidade odeia-te!

Foste sempre o terror; nunca fremente; nunca um ai pro-feriste que viesse attestar um momento de compaixão.

As maldições da quellas que perdem os entes amados, assim como daquelles a quem roubas o momento da vingança, pairam sobre ti!

E's a causa do luto, que cobre a humanidade, numa afflicção fremenda!

E eu páro a olhar-te, ó sepultura, como se meus olhos vissem a imagem da Divindade!

E porque? E' que dás ao homem a lição que elle jamais encontrará nas pagis as doiradas dos grandes vultos.

E' que dás o maior testemunho de que a vida nada mais é que a ephêmera passagem do homem pela terra, em cami-nho para a eternidade, em busca da intermina felicidade.

RODOLPHO BOSCO

“Era, comprehendí, um abandonado, um estranho na terra em que nasci. Fi-car nella, equivalia a submeter-me a um supplicio todos os dias.

“Busquei as fronteiras, novamente. Emigrei. E por muitos países passei esta carcaça de heroi anonymo,—cançado, pro-vando todos os vicios, e assistindo a todas as tragedias. Vi santos aniquilados, hypo-critas coroados, cortesãos pregando a virtude, e a castidade jogada ao enxurro. Tudo vi e tudo senti. Hoje, absorto, olhan-do as profundas de um abysmo considero:—Já que a morte não bateu á porta da vida—a vida que bata á porta da morte!

Eis a historia daquelle homem que, hontem, á hora do sol-pôsto, alguns ami-gos foram levar á mansão da verdadei-ra igualdade, onde ricos e plebeus, po-tentados e parias, bebados e saltimban-cos, são confundidos, no mesmo lodo, a-malgamados no mesmo nada!

Fpolis, 21—1—1925.

Nelson D'Almeida.

A Lei Aurea

Coronel Germano Wendhausen

Dizer da magnitude que se encerra nesse grande acontecimento celebrado em Treze de Maio, é dizer o mais assinalado progresso de nossa cara Pátria.

Bem hajam todos os paladinos da quella santa cruzada, porque, rompendo para sempre com os preconceitos e com os interesses das classes opulentas, lograram, não só pela imprensa, como pela tribuna, doutrinar a intelligencia e abrandar os corações, de maneira a restabelecer, para os infelizes escravizados, os seus direitos, secularmente postergados, e vingar triumphantemente a Justiça.

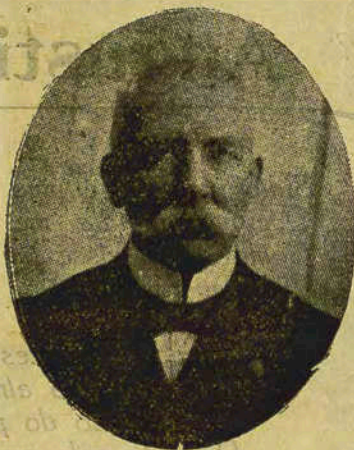
Não era possível que a nefanda instituição permanecesse por mais tempo, como uma irrisão, um escarneo atirado à face da Civilização.

Prestemos, pois, as nossas homenagens aos nomes de Rio Branco, Saldanha Marinho, Joaquim Nabuco, José Bonifácio, José do Patrocínio, Luiz Gama, Ferreira de Araujo, João Klapp e tantos outros, como infatigáveis defensores da causa santa da abolição da escravidão, porque elles fizeram com que pudessemos apresentar ao mundo culto um testemunho do nosso adiantamento e um exemplo digno de ser imitado.

Abençoados sejam elles, que não foram somente os grandes libertadores de uma raça, de que tantos representantes tiveram o berço embalado ao sopro das brisas das nossas florestas, acalentado pelo mesmo sol, coberto pelo mesmo ceu azul do Cruzeiro, pois tornaram feliz o nosso berço, lavando da Bandeira da nossa Pátria a grande nodoa que a escurecia, e elevaram o nome do Brasil entre as nações cultas.

Diante, pois, da sublimidade deste grande acontecimento que teve o franco e valioso beneplacito da Princeza Isabel,—a Redemptora—o governo da Republica inscreveu o 13 de Maio como de festa nacional.

O Centro Catharinense de Letras homenageando os valorosos abolicionistas acima indicados, cumpre tambem o dever de fazer extensiva esta justa homenagem aos distinctos catharinenses, srs. coronel Germano Wendhausen, Manoel Guimarães, Guilherme Kaspers sobreviventes desta humanitaria campanha e desfolha uma sau-



Hoje, quando commemoramos a sanctão da Aurea Lei prestamos nossa homenagem ao dedicado abolicionista que foi o nosso respeitavel patricio sr. coronel Germano Wendhausen, um dos sobreviventes da humanitaria campanha.

dade nos tumulos de seus companheiros que foram Horacio Nunes Pires, Cruz e Souza, Manoel Bittencourt, Miguel Cascaes, major Camillo José de Souza, Carlos Schmidt, Adalberto Gil Ribas Manoel Roque da Silva, Manoel João Milles, Ricardo Barbosa e outros que tanto se bateram pela sacrosanta causa da Liberdade dos nossos irmãos.

Notas diversas; A Lei cognomina da Aurea, tem o numero 3.353, de 13

de Maio de 1888. Está assignada pela Princesa Imperial Regente e pelo ministro Rodrigo Augusto da Silva.

O ministerio estava assim constituído:

Presidente do Conselho e ministro da fazenda, o senador João Alfredo Corrêa de Oliveira, ministro do Imperio, o deputado José Fernandes da Costa Pereira; ministro da justiça, o deputado Antonio Ferreira; ministro dos estrangeiros, senador Antonio da Silva Prado; ministro da marinha, senador Luiz Antonio Vieira da Silva; ministro da guerra; senador Thomaz José Coelho de Almeida; e ministro da agricultura, commercio e obras publicas, o deputado Rodrigo Augusto da Silva.

—Presidia a Camara dos Deputados, o presidente Henrique Pereira de Lucena e o Senado o seu vice-presidente, Antonio Candido da Cruz Machado.

Era então, pela terceira vez, regente do Imperio, D. Isabel, princeza imperial do Brasil. Na primeira regencia sancionou a lei chamada do *ventre livre* (1.871-1872), na terceira (1887-1888) a lei de 13 de maio, extinguindo a escravidão.

Em 1889... deixou o territorio brasileiro acompanhando seu pai no exilio! . . .

Fpolis, 1925.

Lupercio LOPES.

Laguna



Panorama parcial da legendaria terra de Pinto Bandeira, Souza França, Jeronymo Coelho e Annita Garibaldi.

A consciência

Já bem distante da casa paterna, de onde partira em busca de um melhor por vir, Alberto apeou-se e, deixando o seu animal a comer livremente as ervas ali por perto, assentou-se á sombra de um arvoredor, que beirava a estrada.

Com os olhos fixos no caminho que já havia percorrido, transportou-se á casa de seus paes, onde sempre tivera os mais ternos carinhos, a par dos mais práticos e sábios conselhos, que trocára pelo incerto da vida de aventuras, a que se expuzera partindo naquela manhã, quando o sol ainda não se havia mostrado.

E recordou-se da sua pungente despedida: Viu-se abraçando demorada e fortemente a sua pobre mãe, cujas lágrimas se confundiram com as suas, na permúta dos beijos; e a seu pae que, triste e silencioso, lhe entregára uma carta, que elle pôs no bôlso sem olhar-lhe o subscrito.

E veio-lhe, então, a Saúde, emquanto duas lágrimas grandes e límpidas lhe fugiam pelas faces e caíam sobre as calças, como se quisessem deixar-lhes um indelével sinál da sua curta existência...

Talvez fossem as mesmas lágrimas que roubara á sua mãe, quando lhe beijava os olhos úmidos...

Voltou-lhe então ao pensamento a carta que lhe entregára o pai, e, instintivamente, retirou-a do bôlso lendo-lhe o subscrito:

Para ser aberta e lida quando já te achares bem longe de nós.

Ansioso por conhecer o conteúdo daquela excentrica missiva, abriu-a e leu-a com crescente interesse:

"Meu filho:

Disseste-nos que desejavas partir para bem longe, em busca de um melhor viver, porque a vida aqui já se tornava estúpida e monótona. Muito sentidos e tristes ficámos com esta tua declaração, pois, sempre julgámos que te bastavam os conselhos, os carinhos e o amor dos teus pais, para que te considerasses bem feliz nesta vida! Longe de nós, quem te dará tão bons e práticos conselhos como os meus? Quem te dará tão ternos carinhos como os de tua mãe? Quem te consagrará um amor tão ardente e sincero como o nosso? Ninguém, por certo! O amigo, por mais leal e sincero, sempre visará primeiramente os seus próprios interesses... A esposa, embora muito extremosa e amante, nem sempre compartilhará as tuas dôres, os teus pesares ou nem sempre supportará os teus amôres...

Considerando tudo isso, ao princípio pensámos em negar-te o nosso consentimento para empreenderes esta jornada que te leva ao desconhecido, ás aventuras tão ansiadas pelo romantismo da tua juventude. Além disso, fomos tomados pelo presentimento de que se partisses não, mais te tornaríamos a vêr! Mas, Deus, que é eternamente justo e misericordioso, não há de permitir que pere-

Angustia

*Sinto um letal efluvio no organismo,
Que me aniquila, me reduz a nada,
Como se eu visse um pavoroso abysmo,
Enorme, com a bôca escancarada!*

*Quando ás vezes eu quedo, e em algo scismo,
Vejo a minha alma assim transfigurada,
A' maldição do pérfido baptismo
Da vida pela pugna amargurada!*

*E' que nasceu comigo o sofrimento,
E tenho de lutar por toda a vida,
Sem nunca descansar um só momento;*

*Topando sempre nos trementes passos
—O desespero de uma alma oprimida,
—A dor de um coração feito pedaços!*

Porfirio Gonçalves

çamos sem que te tenhamos abraçado e abençoado! Foi, pois, com toda a nossa fé e confiança na sua justiça e misericórdia que resolvemos consentir a tua partida e concordamos que o mundo te seia um bom mestre e que, dentro em breve, talvez mais cedo do que o esperás, verás desvanecerem-se, uma a uma, todas as illusões que te sugere a mocidade!

Entretanto, como ainda és bastante jovem e não comprehendes bem o que é o mundo, lá por fóra, cumpre-me o sagrado dever de dizer-te mais algumas palavras, que te concito a tomáres como conselhos, para que te tórnes um verdadeiro homem de bem, cuja probidade nos illumine a velhice...

Eis, pois, as poucas palávras que ainda me cumpre dizer-te:

O homem, sempre que sente a Consciência acusal-o de qualquer falta ou erro, pretende justificar-se a si próprio, como se a Consciência fosse susceptível de ser facilmente ludibriada!

E' que, quando ela o acusa, elle considera a enormidade ou a gravidade da falta, do erro cometido e procura, em vão, estirpar o remórso que lhe corrôe as entranhas.

Quero dizer-te, com isto, que déves sempre guiar-te e proceder de acôrdo com o que te ditar a tua Consciência, que d'ora avante te será tão assidua e fiel companheira, como infalível conselheira.

Tão depressa ella é tua amiga e conselheira, como será a tua mais fervorosa e obstinada acusadora!

E si algum dia não atenderes á sua voz, desprezàres os seus conselhos e cometeres um êro, um crime, talvez te poderás justificar perante os homens, porém, nunca perante ella!

E é por isso que, ainda uma vez, te concito a seguires sempre os ditames da tua consciência, pois, se assim fizéres te tornarás um homem de bem, cujo caracter nobre e récto será o nosso orgulho.

Que sigas em paz ao teu destino e que jámais desprezes a tua consciência, que é o melhor dom que Deus te legou!

Do teu pai."

Após a leitura desta carta, Alberto que-dou-se tristemente a escutar no íntimo uma voz que lhe exprobava a sua ingratidão para com seus pais, abandonando-os injustamente.

E ao cahir da noite, os pais de Alberto viram-no entrar lentamente, de cabeça pendida sobre o peito.

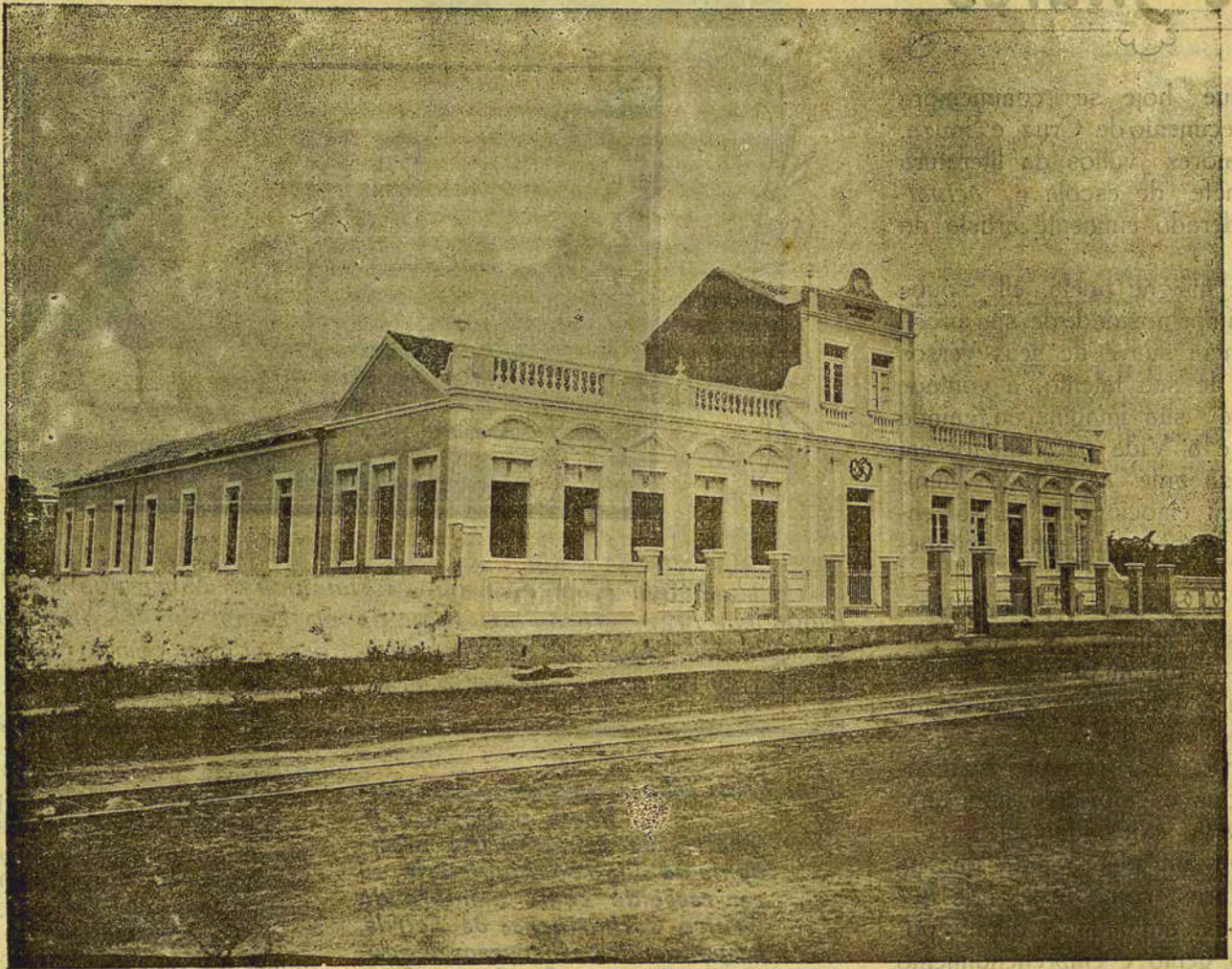
Cercaram-no logo, dispensando-lhe mil afagos, e através da alegria que demonstravam pelo regresso do já saudoso filho, indagaram d'ele quem o fizera voltar tão depressa...

Com um gesto lento e móle, Alberto mostrou-lhes a carta e respondeu-lhes, a chorar:

—A CONSCIÊNCIA!...

P. GARCIA

Asylo de Mendicidade Irmão Joaquim.



"Asylo de Mendicidade Irmão Joaquim".—Florianópolis.

Foi fundado por um grupo de prestimosos cidadãos, que escolheram para seu patrono aquelle que foi «gloria da Igreja Catholica, gloria de Santa Catharina, gloria do Brasil, gloria da America e gloria do mundo inteiro».

CINZAS

Estranha mulher era aquella que povoava os meus sonhos e fispava a minha alma.

Sempre bamboeante, dançava a sua silhueta nas minhas retinas, perturbando a minha vida. E que doce enlevo era o meu recordá-la viva, mordaz, luxuosa, quente, louca, esguia!...

Meses que me fugira misteriosamente, deixando um vacuo profundo no meu ser.

Uma noite, porém, em que passeava no ar um frio cortante, vi-a novamente, num encontro casual.

La tonta, nervosa, ferinamente pisando a areia mole, com os seus tacões agudos.

Envolta em um manto de seda azul-vermelho, olhar penetrante, a medo, como quem buscava alguém, ou por

alguem estava sendo perseguida, ela passou em minha frente, rapidamente, deixando um rasto de perfume esquisito, oriental talvez...

Seria a mim que procurava? Ou eu já havia sido lançado no rôl dos despresados?

Resolvi segui-la.

Era loucura de minha parte, mas a tentação foi forte. E andei, primeiro lentamente; depois, apertei o passo.

Alcancei-a. Parou a meu chamado. Sorriu. E, estendendo-me a mão, disse, na sua vóz cristalina:

—Vem, meu indolente. Por que não me procurast: ha mais tempo? Não havias ainda compreendido, desde aquella tarde sombria e nevoenta, que eu sou tua, inteiramente tua?!...

Oh! és um eterno sonhador, um eterno romântico, um eterno medroso!...

Sabes que eu andava tonta, nervosa, ferinamente pisando a areia mole, com os meus tacões agudos, a vêr se te encontrava?

Vem, já que me chamaste.

E eu fui, como das outras vezes, com o coração palpitando velosamente, muito radiante, muito arrebatado, julgando que estava subindo para os céos pela mão de um anjo.

Parecia que em redor de mim uma claridade manchava a escuridão e que todos me olhavam invejosos. E cheguei. Depois...

Hoje—tanto tempo já fês!—vivo tão longe dêsse passado, que nem perturba a minha vida o pensar naquella estranha mulher, que povoava os meus sonhos e fispava a minha alma.

Cinzas!...

Antonio Sbissa

Março de 925.

19 de Março

Cathedral

A data que hoje se commemora marca o fallecimento de Cruz e Souza, um dos maiores vultos da literatura nacional, chefe de escola e *actualmente* considerado eminente artista do symbolismo.

Grande e insigne poeta, elle soube imprimir na impetuosidade de sua prosa ou na cadencia suave de seus versos a opulencia de seu talento, a vontade insoffrida de sua imaginação, ainda que a Dor e a Vida para elle fossem qual nebulosa ante a estrada illuminada pelo seu emocionante pensamento, que era fogoso, ardente, exuberante!

De Cruz e Souza, o poeta negro, disse o illustre homem de letras Silveira Netto:— «foi um germinal de sugestões com a formidável capacidade emocional de sua obra.»

Seu espirito, em perenne encantamento de sons e coloridos, não analysava; cantava extasiadamente.»

Elle fincou um marco para que as gerações futuras, como a de nós outros, pudessem aquilatar o quanto poderá fazer o genio e emprehendimento brasileiros.

Podemos affirmar, sem contestação, que a data de hoje não somente é grata aos catharinenses, mas o é também para aquelles que amam o bello na vibração do verso como elle o fez—tão mavioso como phantastico.

Cruz e Souza, o poeta gigante na forma, fez rejuvenecer na poesia a Arte, a deusa tão commovedora como palpitante, tão suggestiva como attraente.

Revoltado devido a preconceitos mal concebidos, intimamente elle soffreu a Dor cruciante do desprezo, como quasi todos os artistas, sem comtudo deixar de traduzir, na espontaneidade de seus versos, não o desespero de sua Alma, mas a Candura, a Belleza da Vida, a sublimidade do Amor.

Glorifiquemos, pois, o genio de Cruz e Souza, para que o Centro Catharinense de Letras possa cantar como elle o escreveu:—

“Paladinos da limpida Cruzada!
Conquistemos, sem lança e sem espada,
As almas que encontrarmos no caminho..”

I. A. L.
Do C. C. Letras.

* N. R.—Artigo escripto para ser publicado no 27º anniversario do fallecimento de Cruz e Souza.



Antiga Cathedral de Florianopolis, construida em 1753. Reconstituída em 1922, graças aos esforços do Exmo. Sr. D. Joaquim Domingues de Oliveira, digno bispo diocesano, que contou com o valioso auxilio do governo e do povo, apresenta hoje bellissimo aspecto.

Discurso proferido pela distincta professora D. Beatriz de Souza Britto, presidente da Ligado Magisterio, ao ser recebida como membro do Centro Catharinense de Letras, respondendo os discursos de saudação dos srs. Professor Barreiros Filho e Pharmaceutico Ildefonso Juvenal.

Acostumada desde meus tenros annos a obedecer às ordens superiores, não podia, de modo algum, esquivar-me de comparecer á presente sessão.

Meus patricios e consocios, não vim collocar-me na esphera dos illustrados homens de letras da nossa terra, não; pois seria uma pretensão absurda, ambicionar uma epopéa de glorias, quando me considero simplesmente num plano muito aquém dos seus vastos conhecimentos intellectuaes. No entanto, devo agradecer a honra e o apreço com que me distinguistes, elegendo-me socia effectiva deste conceituado Centro.

Venho, pois, prestar a minha solidariedade por essa grandiosa obra que acabaes de fundar, considerando-a indispensavel áquelles que, não só desejam abastecer-se do que é material, como também do que possa ser util ao espirito e ao coração.

Ao espirito, por ser o receptaculo das manifestações da sensibilidade e necessitar de bellos ornamentos em que se assimilem delicadas formas e ricas creações.

Ao coração, como reflector das susceptiveis metamorphoses; e, por sua fragilidade, convem preparal-o para reagir ás fortes rajadas do infortunio que tantas vezes ressaltam ao caracter pela falta de aperfeiçoamento moral.

Ha milhares de seres espalhados por toda á parte e por, mais infima que seja

a especie, cada um tem o seu principio, a sua historia e a sua applicação.

O homem, que é o mais perfeito e superior desses seres por suas faculdades, manifesta-se sobre assumptos proprios e circumstanciados, de cujas percepções gera a essencia do estylo que se eleva numa atmosphéra de luzes e de encantos para formar o ideal.

E é justamente desse effeito pela causa, tão ambicionado na razão humana, de tudo querer sentir, perceber e produzir, que se formam empresas para o triumpho das gerações.

O homem não póde passar sem um só ideal e aquelle que o não possui não vive, vegeta.

Elle se glorifica quando se baseia em nobres principios.

Em todos os tempos tem-se luctado pela conquista do ideal e disso dá-nos exemplos bem frisantes e dignos a historia dos povos.

Portugal, berço de Camões, o sublime autor dos Luziadas, glorificou-se desde as remotas épocas.

Em nossos dias, verifica ainda essa primitiva e pujante collectividade, saindo de suas plagas destemidos aeronautas que, rasgando o espaço nas azas de um avião, conseguem, num arroubo de coragem e valor, beijar a terra, o mar e o céu.

A França, centro da civilisação, não poderia hoje contar com a soberania do seu povo, nem cantar a Marselheza, em 1789, se não tivesse o firme ideal da destruição da Bastilha, expoente do despotismo. Sem sacrificios não ha glorias.

E todo aquelle que aspira fazer do seu ideal uma fonte de beneficios, é sujeito, não só ás difficuldades das duvidas e dos obstaculos, como das humilhações e perfidias.

E vós, dignos consocios, levantastes a pedra fundamental do vosso ideal, creando o Centro Catharinense de Letras.

Sinto-me enlevada em partilhar os vossos trabalhos, vendo neste recinto uma phalange de cidadãos que não procuram ferir com o olhar ameaçador de cólera, attrahindo a discordia para subjugar seus irmãos, como infelizmente acontece em quasi todo o Brasil.

Proseguí, illustres consócios, na trilha que deve trilhar a humanidade para o Bem.

Enfrentemos com desassombro os obstáculos que por ventura venham de encontro á realização dessa bella e grandiosa obra.

Que não feneçam as primeiras esperanças, que nasceram dos primeiros ideaes.

Eu me congratulo convosco nessa cruzada bemfazeja, confiante nos vossos sentimentos altruisticos e no entusiasmo de verdadeiros obreiros do progresso, para que sejam por completo banidos todos os preconceitos de animosidade e floresça numa aurora de paz e ventura o vosso ideal, embora eu tenha de seguir á rectaguarda dos que, como já disse, são conhecidos como grandes intellectuaes do nosso torrão natal. Pois, bem, arvorar-me-ei como simples parcella d'essa pleiade de dignos patricios que vão mar áfora em busca de novos horizontes, desejando "o engrandecimento da terra barriga-verde e a honra do Brasil."

A vós, dignos membros do Centro Catharinense de Letras, os meus sinceros agradecimentos e votos de felicidade.

Disse.

A vida do marinheiro

A vida do marinheiro é, sem duvida, a mais cheia de peripecias e de trabalhos.

Educa o homem na escola do trabalho e da coragem e endurece-lhe o coração para resistir, indifferentemente, ás punhaladas da saudade produzida pela ausencia dos entes queridos.

Nas viagens longas, quando o navio se distancia da terra até a perder de vista, é, então, que elle desempenha o seu papel de actividade.

Se as frescas brisas sopram beneficamente, pela poupa, e tesam as escotas das velas, então, elle, muito cedo, contente, antes de surgirem as franjas roseas da luz matinal, dá começo ao trabalho.

Lava o convez da sua habitação ambulante, estende as roupas ao sol e, terminada essa missão, encosta-se a uma roda de cabo, feita artisticamente em forma de espiral, e canta alegrementemente singelas quadrinhas, ao som do violão, até chegar o desejado badalar do sino—signal para o almoço...

Mas, quasi sempre (mormente no verão,) essas scenas representadas pe-



Dr. Oscar de Oliveira Ramos, illustrado engenheiro civil, redactor-chefe d'*O Tempo* e dedicado membro do Centro de Letras. Faz parte da comissão censora e lhe tem prestado relevantissimos serviços.

Foi o orador official no acto da inauguração do retrato do Exmo. Sr. Cel. Pereira e Oliveira, na séde do Centro.

la manhã têm, á noite, um epilogo triste, horrivel e, muitas vezes, funesto— a tempestade!...

As nuvens que, minutos antes, corriam sobre os mastareos do navio, tocadas pelos beijos delicados da brisa, vão, aos poucos, perdendo a carreira, tomando uma cor escura, muito car-

regada, amontoando-se muito além, parecendo ligar o céu ao oceano. O sol empallidece o brilho, o calor torna-se mais forte e mais suffocador,—signal de tempestade! De quando em quando, um relampago fino pisca em sentido vertical; o navio, aos poucos, diminue a marcha, e, eis que de repente, uma lufada morna faz os pannos bater e sacudir toda a mastreação.

O capitão, indifferente como todos os homens do mar, a qualquer perigo, falla imperativamente:—Ás vergas; todos os bolachos ferrados. Só a mesena, a vela grande e a bujarrona; arria o pique da carangueja...

E o navio enche os pannos, aderna um pouco do lado de bombordo e cahe numa bolina, sem rumo, deixando, pela poupa, duas faixas rendadas a enfeitarem aquelle oceano tempestuoso...

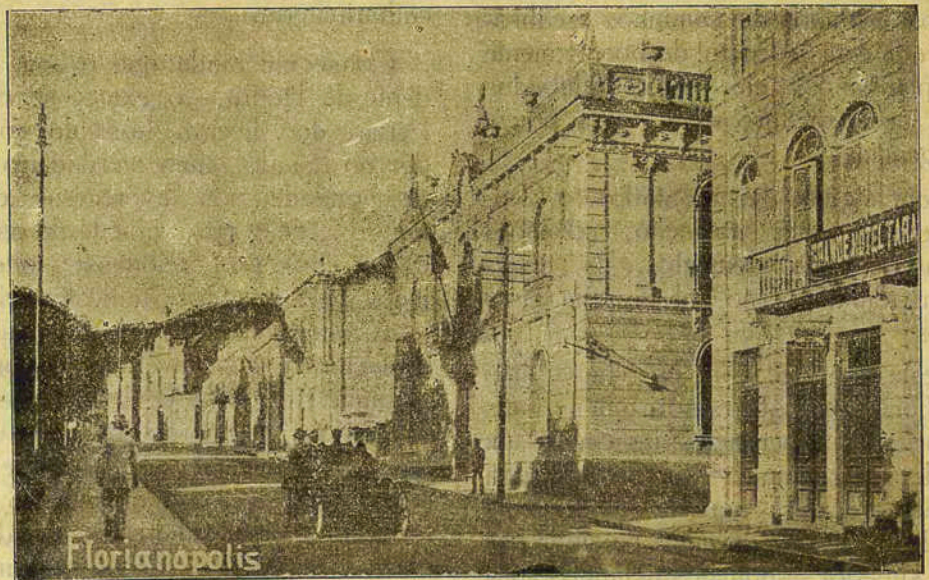
As nuvens suspendem-se em grossos novellos, acompanhadas de um barulho assustador; os vagalhões, de quando em quando, arrebetam na proa e lavam todo o convez; as enxareias, retezadas, assobiam aterroradamente.

E, assim, nesse temeroso espectáculo até apparecer no céu uma estrelinha, a brilhar, medrosamente, annunciando a bonança...

No dia seguinte o navio, sob um céu limpido e azulado, banhado por uma luz suave, corre, de velas soltas, com outro rumo, em busca do lugar desejado.

Jovita Lisboa

Florianopolis



Trecho da praça 15 de Novembro.

Veem-se a Administração dos Correios, a Superintendencia Municipal e, ao fundo, a Delegacia Fiscal

A nossa vida

Quando, aos quatro de janeiro do corrente anno, se reuniram, na sala da União Beneficiente Operaria, meia duzia de moços amigos das letras, alimentando a feliz ideia da organização de uma associação que fosse o verdadeiro factor da cultura e do desenvolvimento da literatura no Estado de Santa Catharina, outros, verdadeiros desanimados, duvidavam do bom exito do que elles pretendiam.

Aquelles, porém, convencidos de que a feliz ideia que os dominou seria transformada em realidade—fal o ardor com que puzeram em pratica as suas energias, crenes ainda que suas convicções encontrariam franca solidariedade de muitos outros intellectuaes, organizaram a sua directoria provisoria, sendo, então, proclamado presidente o autor destas linhas.

Este, demonstrando a gratidão pela honra que recebia, convidou, por sua vez, ao sr. Amphiloquio Gonçalves para secretario e ao pharmaceutico sr. Ildefonso Juvenal para relator dos fins da reunião.

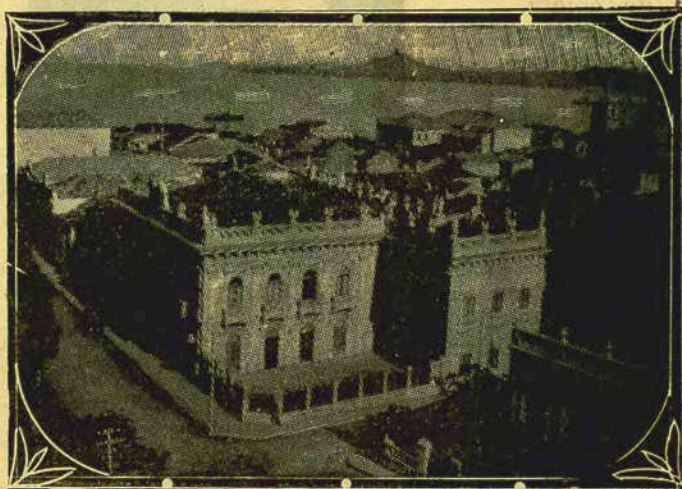
Assim constituida a mesa da primeira assembléa e empossados os seus primeiros dirigentes, operaram, desde logo, com afinco, conseguindo, no dia 19 do mesmo mês, perante uma assembléa mais numerosa, fazer surgir o Centro Catharinense de Letras.

Embora indeciso e vacillante, sem saber se poderia trilhar sobre as perfumadas flores da victoria ou sobre os espinhos de caminhos escabrosos, ahi está o fructo da boa semente que plantámos, em terras adubadas pelos nossos esforços e a nossa pouca intelligencia.

Mais alguns dias contados, o Centro recebia, com satisfação, adhesões de outros bons elementos, os quaes foram admittidos no rôl de seus associados.

Neste aspecto, com os olhares fitos nos horizontes que nos trazem as mais confortantes esperanças, indicando um dia de sól radiante,—sól de luz para nos affagar, para aquecer ainda mais o ardor com que devemos batalhar por Ideal superior,—aqui nos achamos solidamente congregados, esperando ainda maiores triumphos.

No dia que assignala o desaparecimento do grande Cruz e Souza,



Palácio do Governo de Santa Catharina.

Foi reconstruido em 1894, quando estava à frente dos destinos do Estado o Exmo. Sr. Dr. Hercilio Luz.

E' um dos mais bellos edificios de nossa terra.

o poeta das «Evocações» e dos «Broqueis», depois de irmos incorporados render ante o seu busto os preitos da nossa mais justa e sincera homenagem, fariamos ainda surgir (se circumstancias muito poderosas não retardassem o nosso desejo) o nosso modesto orgam que diria em seu programma de onde viemos e aonde desejamos chegar.

Elle atteslaria os nossos esforços vencendo entraves que nos appareceram e tentaram perturbar a rota que traçamos.

Felizmente, o Centro soube impor-se; tornou-se sympathico e obteve o concurso valiosissimo de elevados valores mentaes que a elle adheriram, dispostos, como nós, a tudo fazer pelo engrandecimento da cultura das letras catharinenses.

Conseguiu ainda que o seu Presidente de Honra,—o exmo. sr. coronel Pereira de Oliveira, honrado governador do Estado, num verdadeiro gesto de bondade, nos favorecesse, dándonos o predio para a séde da associação e nos proporcionasse todos os meios para a publicação deste periodico.

Assim animados e sob a sombra protectora e agradável da arvore que plantámos devemos congregar-nos, sempre unidos e encorajados para elevarmos o nosso Centro á altura que almejamos e para que possamos vel-o transformado em um «lindo viveiro de Sonhos e de Ideaes, barricada luminosa por detrás da qual o ultimo romantico queimarâ o ultimo cartucho em defesa da deusa pulchra—que é a Arte».

Supercio Lopes

Fremitos de amor

—Extranham o meu silencio? E' que esta musica, meus amigos, tem o dom de me fazer reviver coisas passadas.

A musica é uma grande evocadora. Ha musicas que nos fazem sentir impressões velhas, angustias ou gozos que tinhamos já p r esquecidos. Essa valsa que a orchestra está executando, «Fremitos de amor», faz-me viver novamente uma velha historia, de que não fui protagonista mas que nem por isso deixou de gravar-se fundamente na minha sensibilidade um tanto romantica de outros tempos.

Por mais que o tempo, o meio e esse succeder-se de desillusões a que chamamos a experiencia da vida modifiquem a nossa sensibilidade, dando menor significação a factos que na idade azul do romanticismo agitariam as cordas ducteis do nosso coração em vibrações fortes e prolongadas, as emoções de outr'ora conservam para todas as idades o mesmo sabor, a mesma sonoridade, o mesmo perfume que lhes emprestaram a idade, o ambiente, as circumstancias em que se produziram.

«Recordar o passado é viver outra vez.»

—E essa historia?

—Ora, uma historia vulgar que não pode ter, narrada, o poder emotivo que eu lhe encontro, pois *leio-a*, gravada na memoria com as côres vivas que lhe deram os meus vinte annos. *Vejo-a*, sinto-a mas não poderei, por certo, fazer-lhes sentir-a e vel-a como eu.

—Mas conta.

—Isso foi ha vinte annos, na minha terra, uma cidadesinha do Rio Grande. Eu era rapaz e, entre os meus amigos, era mais intimo Nestor, meu companheiro de trabalho na casa de commercio em que eramos empregados.

Nestor estava, por esse tempo, ou julgava estar seriamente apaixonado, como quasi todos os rapazes do lugar, pela fi-

lha do intendente, elegante loirinha que voltara havia pouco do collegio de Porto Alegre, toda chibante, trajando com elegancia por figurinos novos, coisa ainda não muito conhecida no logar.

O meu amigo tinha suas esperanças, pois era considerado o Petronio da terra, destacando-se por ser mais esmerado no trajar e, mesmo, algum tanto favorecido pela natureza.

A sociedade, de costumes provincianamente severos, dificultava extraordinariamente as expansões amorosas da juventude, no entretanto.

Um baile, um leilão de festas, um jogo de prendas e, assim mesmo, escassas as oportunidades de palestra e a falta de intimidade, por acanhamento e por convenções absurdas, a reprimir confissões.

Eram recurso, quasi sempre, as intermediarias, *madrinhas*, isto é, mocinhas com quem, já devido a relações mais intimas de familia, já devido á impossibilidade de reparo, por compromissos já existentes ou outras causas, era permitida a liberdade de confidencias e que se prestavam, ás vezes com bondade, mais frequentemente com malicia, a servir de mensageiras, a acoroçar ou desfazer esperanças, trazendo e levando noticias boas ou más.

Com essas, mesmo era mais frequente tratar-se em bailes, entre uma valsa e uma polka, ficando aprazadas, muitas vezes, respostas de que talvez dependessem futuros casamentos para oito ou quinze dias depois.

Nestor, desanimado, havia exgotado todos os recursos amorísticos da epocha, — olhares ternos e persistentes, flôres, sem que merecesse a minima attenção de Nahir, ou porque esta tivesse deixado o coração lá pela capital ou porque não lhe agradasse um pretendente da terra.

Foi então que elle appellou para Dulce, uma amiguinha. Dava-se ella mais ou menos intimamente com Nahir e podia ser lhe util.

Fallou-lhe, abriu-se em confidencias com ella, pediu-lhe o seu auxilio numa imploração dolorida de apaixonado. Disse-lhe todo o seu desespero: noites em vela, cartas escriptas e rasgadas pouco depois, versos flammejantes de amor sepultados no eterno segredo da cinza, olhares saturados de supplicas correspondidos por sorrisos indecifráveis, — ironias ou promessas, desillusões ou esperanças.

Foi tal a vehemencia de paixão do suas palavras que a mocinha fitou-o surprehendida e perguntou-lhe, depois de ouvi-lo:

—Pois ama-a tanto assim ?

E, depois de nova avalanche de confidencias, disse-lhe, num sorriso onde havia alguma cousa de tristeza:

—Como ha de ser bem ser amada assim.

E prometeu-lhe devotar-se de coração á sua empresa.

Dulce era sincera e procurou desempenhar fielmente a sua missão. Tomou sobre os hombros, como se se tratasse de si mesma, a dura tarefa de mover á piedade e da piedade á sympathia, que

Palacio do Governo Municipal da Palhoça

Foi construido em 1895



Nesse elegante predio acham-se installadas a secretaria da Superintendencia, á sua esquerda, e a sala para as audiencias da policia e a do juiz de paz, á direita; ao fundo, as duas prisões da Cadeia publica. Na parte superior estão installadas a sala de audiencia do juiz de direito e para o jury, e a das sessões do Conselho Municipal, tendo ainda um gabinete, devidamente preparado para os despachos do Governo Palhocense.

E' socio correspondente do Centro Catharinense de Letras, na cidade da Palhoça, o nosso distincto conferraneo capitão João Febronio de Oliveira.

distia um passo do amor, o coração daquelle boneca elegante, alvo da cobiça de todos os jovens da terra.

E eu vi com surpresa esta coisa extraordinaria: uma amisade desinteressada, toda devotamento, toda dedicação, toda sinceridade, uma amisade humilde que não era humana, uma amisade de cãozinho fiel.

Eu conhecia muito bem o meu amigo e sabia perfeitamente que a sua „paixão“, não merecia um devotamento daquelles.

Nestor era um fatuo. Habitado ás conquistas faceis, não tolerava o seu orgulho a inesperada resistencia que estava encontrando.

Era caprichoso e o que sentia por Nahir não era mais do que um capricho irritado pela indiferença da moça.

Quando elle me fallava das suas insomnias e dos seus poemas inflammados eu sorria e aconselhava-o a que tivesse juizo.

Dizia-lhe francamente que tanto não acreditava nas suas noites em claro como nos seus versos.

Mas Dulce tomava-o a serio.

Era maternal, carinhosa quando trazia uma noticia desanimadora, radiante, feliz, quando portadora de uma esperança, por mais vaga que esta fosse.

Eu não lhe conhecia uma predilecção, um namoro e via-a somente preocupa-

da com a pretensão do meu amigo, fiel, como se fizesse daquelle o fim principal, unico, da sua vida.

E, no entanto, ella não era feia. Muito joven, de 18 annos no maximo, não lhe faltavam pretendentes, aos quaes nunca me constara que ella tivesse correspondido.

Um dia em que ella procurara Nestor no escriptorio eu a vi rasgar furtivamente no *guichet* e escondel-a uma pontinha de papel em que Nestor tinha escripto: „Dulce é a minha ultima esperança.“

Quando Nestor me transmittia, alvoroçado ou triste, as noticias que recebera sobre a sua paixão eu o olhava e lhe fazia perguntas, não sobre os progressos da sua empresa, mas sobre a outra, a intermediaria, a amiga sincera e dedicada.

Com a lentidão com que se desenrolam esses romances, em localidades como aquella, foi muito longe o de Nestor.

Passaram-se mezes nesse mesmo estado de coisas, sem que elle podesse, um dia, ter a certeza de ser correspondido ou recusado.

Eu, entretanto, que o acompanhava como simples espectador, comprehendí perfeitamente que elle teria tido mais rapido desenlace, desfavoravel ao meu amigo, se não houvesse de permeio a dedicação constante de Dulce que, se, por um

lado, não desejava dar a Nestor uma desillusão dolorosa, mantinha, por outro, a caridosa esperança de conseguir ainda interessar a amiga pelo seu protegido.

A minha estranheza pelo procedimento de Dulce, no entanto, se foi transformando numa suspeita que se fez certeza um dia.

Nesse dia julguei opportuno chamar a atenção do meu amigo:

—Nestor, permite-me a franqueza, tu tens sido em toda essa historia do teu namoro um verdadeiro estouvado.

—Porque?

—Pois não te parece extranhavel a dedicação dessa mocinha que se fez tua protectora? Enamorado, tens sido cego, mas eu, que observo tudo com a calma de quem não toma parte no romance, venho acompanhando-o desde o começo, e tenho guardado para mim o resultado das minhas observações.

Já é tempo, porém, de que t'os communique, pois não me parece justo que continues como algoz inconsciente nesse drama que, no teu egoismo, não percebeste ainda. Dulce te ama. O amor que essa moça te dedica me inspira de certo tempo a esta parte uma forte sympathia pelo que encerra de sacrificio, de abnegação e de soffrimento. Tu não comprehendes o martyrio que lhe impões e não percebeste ainda que atravez do sorriso alegre com que te communica as suas esperanças illusorias sobre o teu bom exito, ha lagrimas que não extravazam mas que, por isso mesmo, são mais sentidas, que nas caridosas palavras de consolo e animação que te dirige ha alguma coisa mais do que carinho de amiga? Devias ter pensado um pouco na tua protectora, não te deixando absorver unicamente pelo que tu chamas a tua paixão e que não é mais, afinal de contas, do que um capricho de tua vaidade ferida pela resistencia que encontraste.

—Mas, como chegaste a essa conclusão?

—Era tão simples e tu mesmo terias chegado a ella se não te tivesses entregue de corpo e alma á utopia dessa conquista. O que me chamou, em primeiro lugar, a attenção, foi o interesse, a constancia com que Dulce se tem dedicado a procurar obter o que julga indispensavel á tua felicidade. Ella fez a anulação de de si mesma, magnanima, fazendo o sacrificio extraordinario e commovente do seu proprio coração para ver-te feliz.

A sua tenacidade não é natural, já lá se vão varios mezes e ella continua a tratar do teu assumpto com o mesmo empenho dos primeiros dias, fazendo delle o seu pensamento de cada instante.

Ha, porém, uma coisa que me deu a certeza final do que te digo. Dulce mudou e tu és o unico que não tens percebido.

De alegre, viva, espiituosa que era, se tem tornado soturna, triste, somente frequentando as diversões em que tem a certeza de encontrar-te e de prestar-te algum serviço. Repara, tambem, na sua palidez, no seu definhamento rapido, que a vae tornando uma sombra do que era. Tudo isso denuncia, meu amigo, muita

lagrima secretamente vertida, muita noite insomne.

Eu não quero aconselhar-te a que a ames,—não se impõe amor a ninguém.

Mas, como não terias coração para continuar a fazê-la soffrer, é justo que a poupes a esse martyrio, não lhe pedindo mais um auxilio que lhe custa por certo, o maior e mais commovente dos sacrificios.

Nestor ouviu-me em religioso silencio. E notei nelle, logo depois, uma transformação brusca. Durante o trabalho abstrahia-se em pensamentos que não me communicava e, muitas vezes, na nossa republica, sorprehendi-o alta noite á janel-la, insomne.

Raras vezes fallava em Nahir e parecia-me que, quando o fazia, não tinha mais o entusiasmo de outros tempos.

Tornou-se taciturno, parecendo preocupado por uma ideia fixa.

Vi-o algumas vezes fallar com a sua protectora. Agradecia-lhe commovido as noticias que ella lhe transmittia mas nunca mais o vi incital-a a continuar no seu empenho.

Confessou-me, um dia, que jamais pensara num amor sincero, capaz de abnegações e sacrificios. O amor para elle, era alguma cousa mais futil, vaidade satisfeita ou torneio difficil, um passatempo, um sport.

—Tenho pensado muito no que me disseste e a dedicação dessa moça me inspira sentimentos até hoje desconhecidos para mim: é um misto de admiração sympathia ternura, gratidão, piedade, que sei? Ella me apparece hoje aureolada de um nimbo tal de bondade que tenho impetos de cahir-lhe aos pés e beijal-os com idolatria.

Dizem que somente a mulher pode amar por gratidão ou piedade e que esse amor não tem solidez.

Tambem o homem dotado de certo gráo de sensibilidade pode amar assim.

Se o sentimento inspirado em taes condições tem estabilidade, isso, não sei.

Em Nestor que, apesar da sua fatuidade, era no intimo uma boa alma, observei um caso desses. O que é facto é que Dulce inspirou-lhe o affecto mais vehemente que experimentara em toda a sua vida.

Foi em um baile, quando valsavam, que trocaram ambos a sua confissão de amor.

Dulce, radiante, disse-lhe, ao terminar:

—Nestor, peço-te que nunca esqueças isto: quando eu morrer quero que esta valsa, que encheu de melodia o momento mais feliz de minha vida seja executada ao me acompanharem á ultima morada.

E, num presentimento:

—Pobre de mim? Quem sabe se não será mais breve do que pensamos!

A valsa era essa, "Fremitos de Amor."

—E depois, casaram?

—Infelizmente não. Dulce era tuberculosa.

Não quero affirmar que, como na Graziela de Lamartine, o amor tivesse apresado a morte da protagonista desta historia, mas jamais me convenci de que

EXPEDIENTE

A directoria do Centro Catharinense de Letras contando com a benevolencia de seus associados, nos diversos municipios do Estado, pede-lhes o maior empenho na distribuição de sua *Revista*, pelo preço já estipulado.

Todos os pedidos ou reclamações pelo não recebimento da *Revista*, devem ser feitos ao nosso dedicado Thezoureiro, sr. Nicolau Nagib Nahas, á rua Trajano nr. 32.

São socios correspondentes, os nossos distinctos patricios:

Arnaldo Claro de Santiago, *S. Francisco*; Ary Cabral, *Joinville*; Antonio Guimaraes Cabral, *Laguna*; Agostinho Nunes Pires, *São José*; Antonio Celistre de Campos, *Campos Novos*; Amphilquio Nunes Pires, *Palhoça*; Boanerges Lopes, *Lages*; Crispim Mira, *Joinville*; Carlos da Costa Pereira, *S. Francisco*; Cyrillo Luiz Vieira, *S. Joaquim da Costa da Serra*; Francisco Margarida, *Blumenau*; Geraldino Azevedo, *Biguaçu*; Guilherme Varela, *Tijucas*; Honorio Gomes de Miranda, *Tijucas*; João Octavio Ramos, *Blumenau*; João de Oliveira, *Tubarão*; João Febronio de Oliveira, *Palhoça*; João Crespo, *Jaraguá*; Juvenio Braga, *Porto União*; Oscar Soares de Oliveira, *Pedras Grandes*; Romeu Ulysséa, *Laguna*.

Ecos da nossa festa de 13 de maio

O nosso Presidente em exercicio, sr. Lupercio Lopes, recebeu do nosso illustre consocio em Laguna, sr. Antonio Guimaraes Cabral, o seguinte telegramma:

"Ilustrada Directoria Centro Catharinense de Letras, Florianopolis, *Laguna*, 17. Como membro correspondente esse coheso nucleo literatos patricios, junto os meus sinceros applausos ao justissimo acto na inauguração, em sua sede, do retrato do seu illustre Presidente de Honra,—o preclaro varão sr. coronel Pereira Oliveira, dignissimo governador deste Estado. Cordiaes saudações.

Os que viajam

Em objecto de serviço publico seguio, ha dias, para o norte do Estado o nosso estimado Presidente, sr. Amphilochio de Carvalho Gonçalves digno secretario da Admistracão dos Correios neste Estado.

Ao seu embarque compareceram diversos membros do Centro Catharinense e collegas daquella repartição.

—Na ausencia do sr. Presidente, assumiu as funções desse cargo o sr. Lupercio Lopes, Vice-presidente do Centro.

aquelle immenso sacrificio não tivesse concorrido para tanto.

Dulce morreu poucos mezes depois.

E foi uma das emoções mais fortes de minha vida a que senti ao acompanhá-la até o cemiterio e ao ouvir durante todo o trajecto os compassos da valsa que até hoje tem o poder de evocar-me aquella scena.

—E elle?

—Elle? Coisas do coração,—casou, dois annos depois.

Casou?

—Sim, Assisti ao seu casamento. Não creio que amasse tanto a nova escolhida como aquella que morreu, mas... casou, essa é a verdade.

No momento em que o sacerdote fazia os noivos pronunciarem as palavras do estilo, eu o vi estremecer.

Por uma ironia do acaso a orchestra, no côro, começara a executar "Fremitos do amor."

A. TABORDA

(Pedro Paulo.)